

RESENHA

MARTON, Scarlett. *Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Col. Filô).

Jelson Oliveira¹

O novo livro da professora Scarlett Marton, *Nietzsche e as mulheres* (2022) é uma versão alterada² de seu *Les ambivalences de Nietzsche. Types, images et figures féminines* (Les éditions de la Sorbonne, 2021). O título francês da obra dá pistas generosas a respeito de seu conteúdo, entre outras coisas, porque destaca o modo próprio de enfrentar um tema tão complexo da obra do filósofo alemão e, ao mesmo tempo, por indicar a forma mesma dessa filosofia, marcada por tantos paradoxos e contradições. Poucos temas, por isso, são tão significativos para compreender essas contradições como o tema das mulheres, cujo exame acurado, tal como o que é realizado por Scarlett em sua obra, não só atesta a riqueza temática e procedimental da filosofia nietzschiana, como oferece uma chave de entrada no intrincado labirinto que a sua filosofia substancializa. O tema das mulheres, por isso, é uma chave que abre muitas portas (eis a ambivalência): as ideias de tipos, imagens e figuras testemunham as diferentes aproximações e as ricas interpretações que podem surgir por trás dessas passagens, aparentemente obscuras e improváveis. Ora, só a mão calejada de uma grande especialista de Nietzsche, cuja dedicação à sua filosofia é reconhecida não apenas em terreno nacional, mas também *abroad*. E isso tudo, tendo ainda a gentileza de ser clara e contando com a legitimidade que o próprio fato biológico lhe confere. Pelo que se lê, logo se conclui: esse é um livro que só a professora Scarlett Marton, nessa altura da sua vida e com tudo o que ela acumulou, poderia ter escrito. O livro é uma epifania.

Falei da gentileza de ser clara (pensando no famoso dístico de Ortega y Gasset), não apenas para acentuar alguma raridade estilística às vezes ausente em livros como

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR. E-mail: jelsono@yahoo.com.br.

² Além de atualizar a bibliografia em atenção ao leitor brasileiro, a autora ampliou algumas passagens, procurando enfatizar o caráter conservador das observações de Nietzsche em relação às mulheres. Se em *Les ambivalences* a tônica era precisamente as ambivalências (sobretudo em *Humano, demasiado humano* e *A Gaia Ciência*), a versão brasileira demonstra que a imagem de mulher que Nietzsche apresenta é a das mais tradicionais, como se nota já na capa do livro, que representa uma família tradicional, com a mulher representando a suas funções domésticas. Com isso, a professora Scarlett se distancia do *mainstream*, que vê o filósofo apenas como um pensador irreverente ou que o toma como interlocutor das posições feministas.

esse, mas, sobretudo, para expressar uma propriedade que faz dessa obra um livro útil tanto para quem quer conhecer melhor a filosofia de Nietzsche quanto para quem se sente animado a analisar as posturas espinhentas que o filósofo alemão, conhecido por sua misoginia, mantém ao longo de sua obra. A organização dos capítulos, os argumentos e as informações teóricas, as curiosidades sobre as relações femininas de Nietzsche (embora esse, advirta-se logo, não é mais do que uma parte mais ou menos secundária do livro, que se recusa aos psicologismos baratos) e a rica bibliografia citada fazem desse um livro tanto urgente por sua atualidade temática, quanto profícuo por sua contribuição aos estudos nietzschianos. Destaque, por exemplo, para as notas de rodapé, que servem de orientação para todos os que querem falar, conhecer e especialmente pesquisar o tema: ao pé da página, a riqueza de referências forma uma verdadeira cartografia do problema e mostra como ele foi tratado ao longo dos anos, por diferentes correntes e linhas interpretativas.

Mas o livro quer mais - e reside aí sua grandeza: ele trata do tema de forma, por assim dizer, situada: trata-se de evitar o deslocamento tradicional do problema em vista de uma análise isolada para, ao contrário, colocá-lo no solo mesmo da filosofia nietzschiana como um todo, um solo que Scarlett – eu insisto porque todos concordam - conhece como ninguém, porque o pisa há anos e sobre ele “sabe dançar”. É isso, precisamente, que torna o livro tão rico é tão interessante: ele é oferecido a duas mãos. De um lado, o tema em sua aspereza, com suas dificuldades e ambiguidades próprias, suas nuances e sua palpável concretude; de outro, seu horizonte mais largo de sentido, a sua forma de articulação com os demais temas da obra de Nietzsche, com as peculiaridades de sua obra e de sua forma de compreender e praticar a filosofia (Scarlett, logo na introdução, fala de uma “estrutura filosófica” própria da filosofia nietzschiana). Uma sem a outra e essa análise retomaria o fracasso de outras empreitadas. Mais uma vez: é o gesto filosófico de uma intérprete madura que leva o leitor para fora dessa aporia. E é isso que torna possível, afinal, afirmar que o tema das mulheres não é um tema secundário ou marginal, mas ao contrário, de central interesse filosófico: com ele, além de chave (para usar outra metáfora sugestiva) se tem em mãos um novelo cujo fio nos permite seguir pelo labirinto sem aflição.

Scarlett nos mostra que, por meio do tema, é possível pensar Nietzsche a partir do lugar que sua filosofia ocupa na crítica à cultura moderna e, com isso, a sua análise ajuda a compreender o que se passou desde então. Ou seja, por meio do livro e com esse fio em mãos, é possível avaliar o que foi produzido pela cultura que tanto quis e tanto resistiu a

assumir a mulher como protagonista da história. Lendo o livro, o que se constata é que tema da mulher, afinal, é um tema central para a compreensão da modernidade e das bases sobre as quais ainda estamos assentados. Reconhecê-lo, afinal, exigirá uma tomada de posição que não seja ingênua: as ideias de Nietzsche sobre as mulheres também carregam as marcas de seu tempo - malgrado toda a sua insistente extemporaneidade - e se relacionam com outros temas polêmicos de sua obra, como a crítica à igualdade, o elogio à hierarquia, o apelo ao corpo, o valor da amizade e a recusa à ideia romântica de amor, entre outros. E para detectá-las adequadamente, é preciso seguir a estratégia de Scarlett: evitar os extremos e equívocos que a própria obra nos convida e situar o argumento. Por isso, ela mesma, a autora, como é seu feitio, foge da jaula que também lhe tentaram impor; e esse não é um gesto qualquer, em um tempo em que a ausência das mulheres na atividade filosófica não se tornou apenas evidente, como sobretudo uma bandeira séria, justa, urgente.

O livro, assim, foge de outra armadilha: pensar o Nietzsche como homem no meio de suas mulheres (mãe, irmã, amigas, amantes). Os comportamentos do senhor Nietzsche não são tema de análise filosófica. Como advertência inicial, a professora Scarlett afirma: “as ambivalências que me interessam são essencialmente as que se encontram nos seus próprios escritos” (2022, p. 15), ou seja, não prioritariamente aquelas que se desvelam nas experiências biográficas (embora vida e obra, no caso de Nietzsche, estejam intimamente implicadas, devendo contudo, como sugere autora, serem abordadas com “prudência” [2020, p. 41]). Ademais, sem que seja bem situada, essa questão também poderia aumentar os embaraços da linha, porque mesmo nesse terreno, Nietzsche também não mantém posições unívocas: “se são mulheres zelosas, que se desdobram em cuidados, aquelas com quem Nietzsche convive na infância, serão mulheres independentes, fortes e determinadas aquelas com que ele escolherá vincular-se no decorrer da vida” (2022, p. 36) – sobre umas e outras, as críticas e os elogios são postos, sobrepostos, contrapostos.

A primeira linha argumentativa da obra, não por acaso, liga o tema da mulher ao das diferenças sexuais, e essas, à crítica da ideia de natureza humana e, ainda mais, ao dualismo natureza e cultura que se revelou historicamente na relação corpo e alma. Com isso torna-se compreensível a estratégia de Scarlett de efetivamente pensar o masculino e o feminino como “elaborações culturais” (2020, p. 25) “ditadas pelas condições fisiológicas” das quais são derivadas. Estaríamos, aqui, no campo dos valores e das verdades incorporadas, tema extremamente central para o Nietzsche de 1876 - e depois.

É por onde a estratégia do uso dos “tipos” (como “traços distintivos recorrentes” [2022, p. 25]), das imagens e das figuras parece extremamente útil nos estudos nietzschianos e também aqui exercem papel de alta relevância: eles não apenas ajudam a situar o pensamento de Nietzsche do ponto de vista cronológico, como servem como meio de articulação das temáticas que se desdobram de sua filosofia. Scarlett, contudo, chama atenção para um fato curioso: tais tipos, imagens ou figuras podem ser tanto aquelas que os homens constroem sobre as mulheres como aquelas que as mulheres herdaram para si a partir desses constructos masculinos mas cujas repercussões também alcançam a imagem que os homens fazem de si mesmos. Eis o caleidoscópio. E é por ele que o leitor se orienta ao longo dos seis capítulos do livro, curiosamente batizados com a mesma ambiguidade que o tema evoca: algumas mulheres; certas, diversas, outras, aquelas, raras... são modos de ver o que, sendo visto, também é confundido e, no alvoroço de tantas vozes, discernido pela análise equânime que o livro oferece. E isso, sem perder de vista alguns dos textos fundamentais sobre o tema, entre os quais estão o sétimo capítulo de *Humano, demasiado humano*; a primeira parte do segundo livro de *A Gaia Ciência* (especialmente os aforismos 57 ao 75); algumas passagens do capítulo quarto de *Além de bem e mal*; o primeiro capítulo de *O crepúsculo dos Ídolos*; alguns capítulos de *Assim falou Zaratustra*; cartas e anotações póstumas. Esse é o mosaico cujas peças são juntadas de forma magistral para oferecer uma compreensão do tema a partir do seu solo – os livros, as concepções teóricas e as preocupações que são próprias desses períodos da obra de Nietzsche. É assim, por exemplo, que o projeto das observações psicológicas e a atenção à filosofia histórica de *Humano, demasiado humano*, repercutem nas afirmações sobre as mulheres contidas nessa obra seminal, como negação de uma longamente pretendida idealização; ou que o estilo de *Zaratustra* se apresenta e se desenvolve também por meio da temática do feminino como entidade abstrata, como por exemplo, aquela que surge da sua associação à ideia de sabedoria ou à própria vida (“ele concebe a sabedoria de Zaratustra como descuidada, zombeteira, violenta, mutável, obstinada; encara a vida como cativante, sedutora, tentadora, enlaçadora, mutável” [2022, p. 127]); ou que a lógica da representação, propriamente moderna, é confrontada em *A Gaia Ciência* por meio da recusa em considerar a mulher um mero sujeito ou até mesmo como uma natureza ou um fato – o que explica a associação da mulher à verdade ou, melhor dizendo, à afirmação da verdade como ilusão.

Tudo isso é alinhavado pela ideia de que a pertinência de todas as objeções e afirmações de Nietzsche não pode ser desvinculada de um dos pontos mais centrais que

diz respeito ao modo como a sua obra deve ser lida: para bem compreendê-las, “será preciso encará-las como decorrentes dos impulsos que dele se apossam, dos afetos que dele se apoderam, pois são eles que aqui tomam a palavra” (2022, p. 140). Para isso, uma passagem de *Além de bem e mal* é especialmente elucidativa: “talvez me seja permitido agora expor algumas verdades acerca da ‘mulher em si’ – supondo que se saiba que doravante são apenas *minhas* verdades” (ABM, 231). Sendo “*minhas*” tais verdades devem ser situadas no espírito antidogmático próprio da filosofia nietzschiana, o que legitima a advertência de Scarlett a seus leitores: “dado o espírito antidogmático de seu escrito, não se podem tomar como teses as afirmações que faz acerca das mulheres” e, mais, “o caráter experimental de sua investigação impede que se assuma como doutrinárias as *suas* verdades sobre elas” (2022, p. 141). Ler isso e compreender adequadamente o que isso significa, joga luzes sobre as tantas polêmicas que, aqui e ali, cercam o tema da posição de Nietzsche sobre as mulheres: ele não pode ser entendido sem o apelo antimetafísico que reside também na ideia de uma “mulher em si”, que abastece muitos pensamentos – inclusive feministas. É a essa conclusão que a própria autora pretende nos levar: “toda e qualquer posição que se tome em relação à filosofia de Nietzsche é tributária da adoção de uma metodologia determinada” (2022, p. 195). O livro – não nos enganemos –, dando crédito a uma tal afirmação, também manifesta a metodologia de leitura de sua autora e, nesse caso, está longe de reivindicar uma última palavra. Recusando as interpretações psicológicas e mesmo sociológicas do tema, ela reivindica o que lhe é próprio: a análise filosófica (que eu chamei de situada e que Scarlett chama de “imaneente” [2022, p. 197]) que, do ponto de vista procedimental, tornou irrelevante o diálogo com os estudos feministas, e do ponto de vista teórico, evitou uma “leitura literal e anacrônica” que levaria simplesmente, aos dois caminhos fáceis (pobres e equivocados): acusar Nietzsche de misógino já de antemão, sem mesmo levar a sério o que ele diz ou tentar salvá-lo, ressaltando meias-verdades por meio de um “discurso apologético que faria dele cúmplice do feminismo”. Nietzsche, convenhamos, não precisa disso e poderia se livrar sozinho das duas armadilhas. Por isso, sabedora do perigo, Scarlett, a partir do que lhe é próprio como filósofa, pretendeu demonstrar que “Nietzsche se comporta sobretudo como filósofo, quando se exprime sobre as mulheres” (2022, p. 197). E mesmo a ambiguidade dessa afirmação (afinal, seriam também os filósofos, como Nietzsche, misóginos?) serviria de fio para nos tirar do beco ao qual ela mesma nos levou.

Em um momento em que os estudos de gênero e a luta das mulheres se faz tão forte (inclusive em solo brasileiro), esse livro é necessário, afinal, era preciso esclarecer o que

Nietzsche, de fato, tem a dizer sobre um tema tão importante. E isso não simplesmente para censurar Nietzsche, mas para evidenciar o que se esconde por trás de seus argumentos e afirmações e para que, conseqüentemente, possamos entendê-las melhor e, quando esse for o caso, censurar o autor por seu conservadorismo, por sua virulência ou por sua misoginia: “não hesito, pois, em afirmar que, quando se trata da emancipação feminina, Nietzsche não se mostra de modo algum ambivalente”, afirma Scarlett, sem tapar o sol com a peneira, como se diz, acusando o seu filósofo de conservador. É por isso que o leitor sai do livro (pelo menos essa é a *minha* verdade) muitíssimo insatisfeito – não com a obra, mas consigo mesmo; desejoso de continuar o que o livro nos autoriza: como tarefa aberta, é preciso levar essas ideias adiante, para tomar diante delas - limpo o terreno – as suas próprias posições. E isso, por si só, já tornaria esse um livro incontornável.